



MARTIN, Vima Lia. *Literatura e Marginalidade* – Um estudo sobre João Antonio e Luandino Vieira. São Paulo: Almeda Casa Editorial, 2008.

## Na noite fria de João Antonio, no dia quente de Luandino

Maria Luzia Carvalho de Barros<sup>1</sup>

*Falando de pobreza sem ser triste,  
Falando de tristeza sem ser pobre.  
Ah! Quanto tempo!  
Ah! Quanto custa hoje em dia.*

Luiz Melodia

O livro *Literatura e Marginalidade*, publicado neste ano de 2008 e de autoria de Vima Lia Martin, Professora Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo, foi originalmente concebido como texto de sua tese de Doutorado, realizado nesta mesma instituição. Diferentemente de muitos atores sociais que, nos dias de hoje, insistem em falar de periferia nos meios de comunicação, com muito pouca ou quase nenhuma propriedade, a ponto de "glamourizá-la", a autora nos traz um trabalho sério e sensível, mostrando por meio da literatura as dificuldades cotidianas de quem vive às margens da sociedade.

Não seria exagero dizer que a leitura da obra pode já principiar na ilustração da capa. Longe de se tratar de uma peça de apelo comercial, a foto que apresenta o livro, tirada pela própria Vima Lia Martin, retrata não apenas o universo que será focalizado nas páginas seguintes, mas também ilustra o ambiente em que os autores das obras selecionadas por Martin cresceram e construíram seu próprio imaginário. A escolha dos autores recaiu sobre o brasileiro João Antonio, que prioriza em sua obra a abordagem da vida de indivíduos das classes sociais desfavorecidas, sobretudo na periferia de São Paulo, e em José Luandino Vieira, autor angolano que, da mesma forma, traz em sua ficção os desmandos que o estado colonial impunha à população que compunha a base da pirâmide social de Angola. Cabe lembrar que Vieira não apenas fez parte da construção do sonho de independência de Angola, usando para isso sua literatura, como também participou ativamente da luta de libertação daquele país contra o estado colonial português.

A foto, que expõe uma favela da periferia de São Paulo, especificamente do Morro da Geada, no bairro do Jaguaré, onde viveu e cresceu João Antonio, poderia representar, também, algum *musseque* (como são denominados os bairros pobres da periferia de Luanda, capital de Angola), onde viveu José Luandino Vieira. Fica evidenciada, com isso, a organicidade dos autores selecionados por Martin para

construir sua análise do universo marginal na literatura de língua portuguesa.

A proximidade dos autores com esse universo sugere uma maior ancoragem de suas criações ficcionais em suas experiências. Não se trata, assim, de um olhar de perspectiva distante. Antonio e Vieira são vozes da periferia e darão voz aos indivíduos que vivem nas margens, trazendo-os para o centro de suas narrativas. Da obra de João Antonio, a autora elegeu os contos de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, publicado no ano de 1963; já da obra de Luandino Vieira, Martin destacou o livro de contos *Luuanda*, com primeira edição datada em 1964.

Tais escolhas convergem com os objetivos da autora de compor um texto para retratar as semelhanças nos processos de colonização do Brasil e de Angola, bem como de denunciar as heranças que tais processos deixaram nas estruturas sociais dos dois países, perpetuando uma condição subalterna de sua população produtiva e uma realidade pautada na exclusão social. Ainda faz parte das intenções da autora intensificar o diálogo literário entre as nações compostas pelos falantes do idioma português.

Para tanto, Martin parte, sobretudo, dos pressupostos teóricos de Benjamin Abdala Junior e de Antonio Candido. O primeiro propõe o modelo de comparatismo literário partindo da experiência da língua portuguesa e das semelhanças dos processos de colonização; o segundo mapeia, a partir da literatura, a relação entre a ordem e a desordem nas organizações sociais presentes no Brasil, reflexões que podem ser estendidas para países colonizados por Portugal, como o caso de Angola. Também costura a análise comparativa a concepção de "sonho" do filósofo alemão Ernest Bloch, além da obra *Teoria do romance* de Georg Lukács.

O livro de Vima Lia Martin apresenta cinco capítulos, além da introdução e da conclusão. No capítulo I, a autora traz dados biográficos de Antonio e Vieira, como suas origens e percursos, chamando a atenção do leitor para o engajamento dos autores nas realidades dos excluídos de suas respectivas nações.

O capítulo II da obra evidencia a tensão entre as esferas da norma e da conduta nas ficções escolhidas para estudo; a autora mostra a flexibilidade das normas de Brasil e Angola se comparadas às normas e às condutas estadunidenses, por exemplo.

No terceiro capítulo, Martin nos insere no formato literário do conto, gênero eleito pelos dois autores para construir suas ficções, além de abordar a linguagem adotada por cada autor, na concepção de seu universo ficcional. Eles se amparam em uma linguagem própria dos ambientes abordados nas narrativas. De fato, a oralidade é um ponto convergente entre os dois autores. Além da dicção dos protagonistas das obras, a autora aponta a polifonia discursiva presente, pois o discurso hegemônico também aparece nas ficções, possibilitando a análise das tensões ideológicas existentes nas sociedades retratadas.

O quarto capítulo traz a análise da obra de João Antonio. Nela a autora vai, conto a conto, pontuando o caráter dos personagens, do espaço e das realidades históricas que regem suas vidas.

No quinto capítulo, são analisadas as estratégias discursivas de José Luandino Vieira ao reconstruir as comunidades dos *musseques*, bem como a construção do sonho de liberdade e a formação da identidade dos angolanos.

A autora se pauta na análise dos protagonistas dos contos dos dois autores para construir sua argumentação, confrontando perfis bastante distintos. Cabe lembrar que, nos textos, a condição dita marginal abraça um leque muito grande de atividades: militares, trabalhadores subempregados e jogadores de sinuca, todos improvisando a sobrevivência, de acordo com as possibilidades encontradas nas brechas das sociedades. Assim, acabam vivenciando dramas parecidos, como a luta contra a fome, a opressão e o desafio de encontrar perspectivas.

A tensão entre ordem e desordem, teorizada por Antonio Candido, como já dito, vale tanto para a condição brasileira quanto para a angolana. Os personagens vivem no universo da desordem, oposto ao da ordem, que é estabelecida pela elite com o propósito de se

garantirem benefícios. Na Angola pré-independência retratada por Luandino Vieira, esta elite é composta pelo colonizador português. O Brasil retratado por João Antonio já é independente politicamente, mas mantém uma estrutura social excludente, instituída e herdada do período de colonização portuguesa. Além disso, como lembra a autora, o capital internacional, naquele momento histórico, também compunha o universo da ordem.

Finalmente, em sua conclusão, a autora, após apresentar os pontos convergentes nas duas obras, vai guiando o leitor rumo às distinções na construção das personagens, desvendando suas diferentes inclinações de ânimo, terminando por fazer emergir as diferentes expectativas das duas nações, reconstruídas nos dois livros de contos.

Martin também demonstra como foi construída, nas lacunas que existem entre os campos da norma e da conduta nas duas nações, uma moral paralela: para o Brasil criou-se a ética da malandragem, enquanto que para Angola criou-se a ética da revolução. O que justifica a distinção dos ânimos dos protagonistas.

Em João Antonio, a tônica é o desalento e a falta de esperança dos personagens, que apontam para uma acomodação dos ânimos. As caminhadas noturnas são recorrentes nos contos daquele autor; as noites são frias e escancaram muita solidão nas experiências narradas, pois mesmo acompanhados, os personagens vivem sem união, com poucos momentos de solidariedade. Contos como "Frio", "Malaguetas, Perus e Bacanaço" e "Natal na cafua" são exemplares dessa solidão, de desamparo e desarticulação que levam ao comodismo.

Assim escreve a autora ao analisar o conto "Natal na cafua":

Note-se que, se por um lado, o fato de o protagonista e de os outros presos alegrarem-se com a "comida caprichada" e a "liberdade" vigiada aponta para uma relativização de parâmetros, típica dos que têm que viver com muito pouco ou quase nada, por outro lado, se pensarmos no sentido mais geral da narrativa, podemos compreender esse "contentamento" como falta de combatividade, como um sentimento conformista em relação à realidade imposta. (p. 109).

Já em Luandino Vieira, embora o conto que principia seu livro traga este mesmo aspecto, a obra tem um caráter ascendente no que se refere às esperanças da comunidade dos *musseques* retratados, bem como à solidariedade que aparece entre os personagens, especialmente em “A estória do ladrão e do papagaio” e em “A estória do ovo e da galinha”, que finaliza a obra com a forte imagem de um sol crepuscular. O astro serve de pano de fundo para um gesto solidário entre os moradores do *musseque*.

Assim, o otimismo, a solidariedade e a capacidade de sonhar vão se intensificando no decorrer da leitura, pois o horizonte aponta para a emancipação política. Como frisa Martin:

... a aprendizagem subjacente às experiências vividas pelos protagonistas das estórias de Luanda – enunciada por Xico Futa e consubstanciada na sabedoria que orienta a ação das crianças da última narrativa – move-os em direção a um futuro mais desejável, impulsionado pelo desejo de emancipação e de reconstrução de Angola. (p.242,243)

Dessa forma, o que a princípio parecia próximo da produção de Antonio, ou seja, a tematização da vida de indivíduos excluídos da sociedade, começa, então, a se afastar, especialmente no que se refere à postura e perspectivas dos personagens diante de suas realidades, apesar das semelhanças.

Temos na obra de Vima Lia Martin um rico e pertinente exemplar de comparatismo literário, que reforça o caráter democrático e urgente de se realizar esse tipo de investigação científica. A obra *Literatura e Marginalidade* finda por mostrar, por meio da análise comparativa das ficções do João, daqui (J. Antonio), e do José, de lá (J. Luandino Veira), todo o desconforto que existe nas sociedades em que a opressão leva à idéia de que não há mais nada a fazer, caso da ficção e da realidade brasileira; e, por outro lado, o sentimento diferenciado, de uma comunidade que acredita poder mudar sua condição, conforme idealizado nos contos angolanos.

A leitura da obra de Vima Lia Martins se faz urgente não apenas para estudantes de literatura, mas para todos os indivíduos que cultivam uma maior percepção crítica, pois é capaz de lançar um “sopro” de lucidez à “poeira” ideológica de nossos dias, que se esforça em reduzir o significado da expressão “inclusão social” à construção de rampas de acesso para portadores de necessidades especiais, por exemplo, ignorando a realidade cotidiana das classes sociais mais baixas e tornando ainda mais aguda a falta de oportunidades.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo. Projeto: O Exílio: De punição individual à utopia coletiva – A tematização da carência e da fuga nas obras de Manuel Lopes e Graciliano Ramos (desenvolvido com bolsa da CAPES). E-mail: [Luuzeabarroshotmail.com](mailto:Luuzeabarroshotmail.com).